

# No lançamento do livro “Joaquim Paço d’Arcos, Correspondência e Textos Dispersos 1942-1979”

## Apresentação da obra por João Filipe Corrêa da Silva (Paço d’Arcos), filho do Autor

**H**oje é dia 5 de Junho.  
Não fui eu que escolhi a data.  
Foi o Marcelo.  
Encontrei na gaveta da secretária do meu Pai as agendas de bolso em que ele anotava tudo o que fazia. A lápis, os planos para o futuro.

Com caneta, a tinta, por cima do escrito a lápis, o realizado. (O futuro é incerto, dizia ele, por isso tem de se poder apagar!).

As agendas que encontrei, 38, ao todo, são de 1942 a 1979 (nenhuma anterior...), portanto, por coincidência, os anos que cobre este livro!

As dos primeiros anos, muito pequeninas. Mais tarde, um pouco maiorzinhas.

Vi, na sua agenda de 1979, que foi exactamente no dia 5 de Junho que estive com ele pela última vez!

Eu estava em Chicago, quando recebi um telefonema, no final de Maio, da minha cunhada Maria Antónia, pedindo-me que viesse porque o seu estado de saúde estava a agravar-se.

Fiquei, então, uns dias em Lisboa com ele e, a 5 de Junho, tive de ir para Bruxelas (anotado na agenda: “Partida do João Filipe para Bruxelas”).

Foi nesse dia que, antes da minha partida, no sofá do escritório da António Augusto de Aguiar, meu Pai teve uma grande conversa comigo. Disse-me do enorme desgosto de não poder continuar a escrever as suas Memórias (que completara até 1942), pedindo-me que, se tivéssemos coragem e paciência, aproveitando alguns textos e correspondência já por ele organizada, e outras cartas e escritos inéditos que teríamos de seleccionar, publicássemos um quarto volume das “Memórias da minha Vida e do meu Tempo”, postumamente.

Morria, poucos dias depois, a 10 de Junho.

Considero que, embora muito mais tarde, mas coincidindo

com o seu centenário, cumpri essa missão.

Escrevi, assinei e datei uma pequena Nota Introdutória para este livro, para entregar aos editores, a 20 de Fevereiro. Realizei, dias depois, que essa foi a data do casamento dos meus Pais. E é também o dia dos anos de minha Mãe.

Outra coincidência: É também datada de 20 de Fevereiro, em 1958, a resposta de Joaquim Paço d’Arcos a um inquérito do Professor Cruz Malpique, certamente a peça mais autobiográfica incluída neste livro.

Pois é curioso ler o que escreveu num cartão a agradecer a meu Pai, no dia seguinte, o Professor Cruz Malpique, entre outras coisas:

“...A biografia é que me trouxe algo de novo. É uma peça muito interessante, pela sinceridade. Mas... só publicável por ocasião do centenário do nascimento do escritor Joaquim Paço d’Arcos...” Premonitório!

Ouvi dizer há pouco tempo a um amigo, jornalista, editor e escritor (ou, talvez antes, escritor e editor), que “para se editar certos livros é preciso coragem e generosidade”.

Pois eu quero aproveitar para agradecer essa generosidade à D. Quixote, ao João Amaral, que nos mobilizou para este projecto, à Sara Gomes, à Fernanda Abreu e a toda a equipe da D. Quixote pela devoção e cuidado que puseram na edição desta obra.

A minha prima Maria do Carmo, a Micas, foi extraordinária, nestes últimos anos, na organização de todo o arquivo e correspondência do meu Pai. Foi a verdadeira “editor” do livro, no sentido anglo-saxónico do termo! Sem ela, este trabalho não teria sido possível! Obrigado por tudo, Micas!

Com o arquivo organizado, e com o apoio da minha Mãe, do meu irmão Carlos Eugénio, e dos

meus sobrinhos, decidi a família (cumprindo, afinal, um desejo expresso pelo escritor) doar tudo, incluindo os manuscritos, traduções, correspondência, e grande parte da sua biblioteca à Universidade Lusíada. Queremos agradecer, também, à Universidade Lusíada o acolhimento e tratamento adequado que vai dar a todo o espólio de Joaquim Paço d’Arcos.

Nada fazia mais sentido, portanto, que esta cerimónia tivesse lugar senão no Círculo! Agradecemos ao Círculo Eça de Queiroz e à sua Direcção o acolhimento que hoje nos estão a dar.

O detalhe das anotações nas agendas de Joaquim Paço d’Arcos também nos permitiu datar e localizar com a máxima precisão todas as fotografias incluídas num folio deste livro. Apesar de só se referir os anos, nas legendas das fotografias, sei, por exemplo, que a reunião com Walt Disney foi a 13 de



**Joaquim Paço d’Arcos  
Correspondência e Textos  
Dispersos 1942-1979**

Lisboa, D. Quixote, 2008

*Estou certo que a Alma, o Espírito,  
a Obra de Joaquim Paço d’Arcos  
está entre nós.*



Maio, que o passeio com António Álvaro Dória à casa de Camilo em São Miguel de Seide foi a 25 de Setembro, etc.

Mas só depois de editado, verifiquei um erro: na legenda da fotografia de meu Pai com o Luis Forjaz Trigueiros pusemos que era na Livraria Guimarães, o que não se confirma... Mas a Guimarães foi, afinal, a editora de Joaquim Paço d'Arcos durante mais de 30 anos. Esta referência pode portanto servir como reconhecimento, esperando que o Paulo Teixeira Pinto e o Miguel Freitas da Costa, aqui presentes, nada tenham a opor...

Quando, em Dezembro de 1977, meu Pai foi operado em Londres a um cancro em que lhe foi retirado todo o estômago e parte dos intestinos, cancro esse de que viria a morrer cerca de 18 meses depois, demonstrando, sempre um grande realismo, a maior coragem e alguma esperança, escrevia muito aos seus amigos em

Portugal e no Brasil. Numa carta para Henrique Martins de Carvalho dizia então:

“...Vou para casa do meu filho Luis Manuel e conto, se Deus quiser, regressar a Portugal cerca do Natal. Ontem chegou aqui o João Filipe, vindo de Chicago para ver e acompanhar o pai. No dia 12, se Deus quiser chegará do Rio de Janeiro o Carlos Eugénio e, pela primeira vez depois do 11 de Março, terei junto de mim os meus três filhos, os quais, como sabe, tiveram de reconstruir as vidas fora do nosso desgraçado País.

Regresso sem estômago a um País sem cabeça e, como me dizia ontem o Franco Nogueira, que perdeu a Alma. Essa ainda não a perdi.”

Estou certo que a Alma, o Espírito, a Obra de Joaquim Paço d'Arcos está entre nós. ●

# Remorsos de um adiamento

*Quantas vezes lhe e me prometi que o visitaria na sua casa, enfermo sem poder sair, padecendo do mal prolongado e doloroso que o vitimaria?*

**Q**uantas vezes lhe e me prometi que falaríamos de mais um volume das suas “Memórias”, recém-publicado, a dar sequência a uma vida literária incansável e multiforme?

Quantas vezes as vicissitudes da vida me forçaram a adiar esse que seria o último (e certamente mais impressionante) encontro?

Mil vezes me pergunto por que tristes voltas do destino deixei fugir, sem desculpa (que as crises políticas permanentes, o vaivém do jornal e os afazeres de um fim de ano lectivo universitário, não são desculpa), uma ocasião única para rever Joaquim Paço d’Arcos.

Por isso quando ouvi a notícia do passamento um turbilhão de ideias e de sentimentos contraditórios assaltou-me e persegue-me.

Desde os 11 anos — altura em que devorei o “Navio dos Mortos e outras novelas” — que Joaquim Paço d’Arcos e a sua prosa corrida me atraem.

Na minha adolescência, perdi-me deliciado nas novelas exóticas de um mundo por onde andou repartida a sua vida — Estados Unidos da América, Brasil, Extremo-Oriente, África, eu sei lá que diversidade de terras e de gentes...

Mas, se a narrativa de uma experiência de anos passada a atravessar oceanos e a conhecer novas culturas povoou a minha entrada no Liceu, chegou depois a ocasião de apreciar o seu retrato da média e da alta burguesia lisboeta nas décadas 40, 50 e 60 — um meio em que nasci e fui educado, e onde, portanto, pude encontrar tantos dos personagens que caracterizam a fase literária talvez mais produtiva e interveniente de Joaquim Paço d’Arcos.

Os anos passaram, e o novelista e romancista cedeu lugar ao ensaísta, ao conferencista e sobretudo ao biógrafo (no caso vertente empenhado em reconstituir passos fundamentais da sua própria apaixonante existência).

As “Memórias” de Joaquim Paço d’Arcos não terão, à primei-

ra vista, o interesse sociológico do ciclo de romances sobre a vida lisboeta (de que destaco “Ana Paula” e “A Corça Prisio-neira”), mas têm um atractivo histórico, particularmente vivo num País onde a autobiografia não passou por sistema de um projecto irrealizado.

Viagens, crónica lisboeta, memórias — eis um tríptico que não esgota a obra de Joaquim Paço d’Arcos, mas que correspondeu a três momentos distintos do meu encontro com ele.

E, para além da obra, o homem — a sua cultura, a sua presença aristocrática, a sua capacidade insuperável para prender os interlocutores num diálogo feito de mil minúcias, de requintados pormenores de temperamento, o seu natural cosmopolitismo, cidadão que era de um mundo sem fronteiras, no qual nos habituara a viver.

Homem de formação conservadora, nunca deixou, no entanto, de manifestar uma certa rebeldia intelectual contra o dogmatismo, o conformismo, a ortodoxia.

Por isso, foi sempre uma figura respeitada mas incómoda para os próprios meios sociais a que pertencia ou em que se movia. Recorde-se o “Braço da Justiça” e o período de encarceramento da Sociedade Portuguesa de Escritores.

Homem de perfil intelectual liberal, de balde se encontrará na sua obra os sinais de transformação socio-económica, que servem de critério para a intelectualidade de esquerda em Portugal, na delimitação que faz de fronteiras político-ideológicas, muitas vezes estanques. Por isso, foi sempre uma figura respeitada mas objecto de suspeição para esses sectores intelectuais e políticos. Recorde-se um certo ostracismo a que eles o votaram, de forma insistente.

Numa palavra, num País em que o centro é ainda uma quase impossibilidade, Joaquim Paço d’Arcos foi um homem caracteristicamente do centro — nos seus gestos, nas suas prosas, na sua personalidade. Isso lhe valeria alguns amargos de boca e muitas incompreensões.

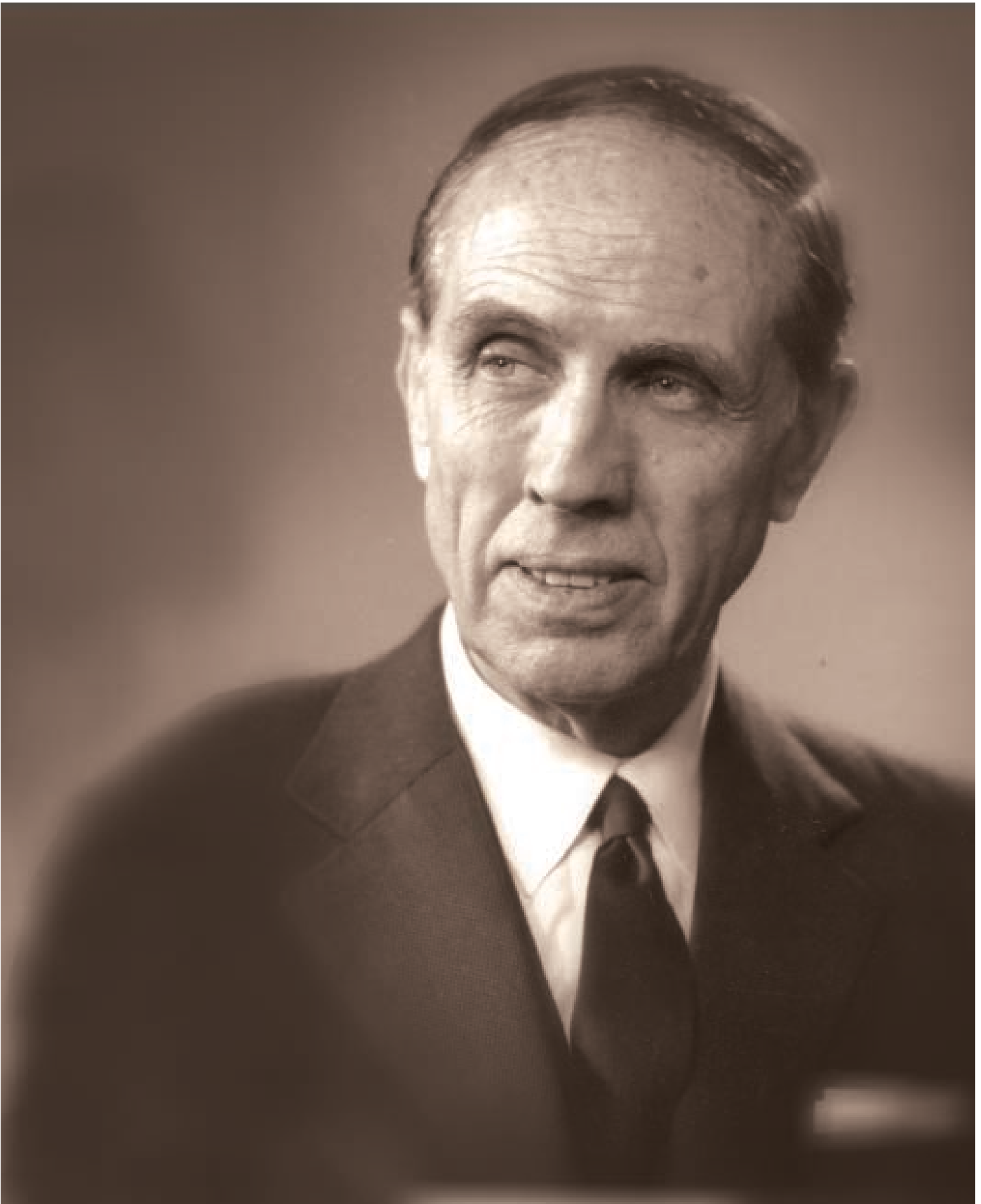
Mas, há instantes em que tudo o que é secundário se apaga, em que tudo o que é acessório se esbate, em que tudo o que é passageiro se esboroa. Nesses instantes, o que vale são os traços essenciais dos homens e a presença indelével da sua obra.

Por isso aqui escrevinhei, no instante em que Joaquim Paço d’Arcos deixa de pertencer ao número dos vivos, este testemunho pessoal de consideração e de saudade. De consideração pelos 19 anos de novelas, romances e memórias que guardo como uma das recordações caras da minha adolescência e juventude. De saudade, pelo homem que desapareceu.

E também, porque não dizê-lo, de remorso, que, às vezes, só a chegada da morte nos faz compreender, sem apelo nem agravo, como desperdiçámos a ocasião única de convivermos com os vivos... ●

*Homem de formação conservadora, nunca deixou, no entanto, de manifestar uma certa rebeldia intelectual contra o dogmatismo, o conformismo, a ortodoxia. Por isso, foi sempre uma figura respeitada mas incómoda.*





# Palestra sobre os EUA no American Women Club

9 de Março de 1972

*Foi Mrs. Pritchard quem primeiro me falou de vir à vossa presença dizer-lhes umas palavras. Ela é uma velha amiga minha, não velha porque ela é muito nova, mas eu sou seu admirador fiel desde os tempos em que ela foi uma famosa estrela de cinema.*

**M**rs. Mason confirmou o convite e embora eu nunca tenha falado bem inglês e esteja hoje muito destreinado, não tive coragem de recusar o convite de duas senhoras tão gentis. E aqui me encontro hoje perante Vocês e ainda ontem não sabia de que é que lhes vinha falar.

É possível que Vocês estejam à espera de interessantes declarações políticas, visto que eu fui durante um quarto de século o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros Português. Mas abandonei essas funções há já dez anos e esqueci-me completamente da política.

É possível que Vocês estejam à espera de muito interessantes declarações literárias, visto que eu sou autor de quarenta livros em muitos géneros, desde a novela ao teatro, aos poemas e à crónica. Mas não há nada menos interessante do que um escritor conhecido pessoalmente e nunca ninguém lhes arrancou de viva voz declarações interessantes. Por isso vos aconselho a lerem os autores e a não os conhecer, pois que isso só lhes traria desilusões, quebrando a imagem idealizada na leitura das suas obras.

Talvez não ofereça interesse nenhum para Vocês eu falar-lhes do vosso próprio País. Mas estou tentado a fazê-lo. E até porque na minha vida se dá uma circunstância curiosa, que talvez não se dê com mais nenhum habitante deste planeta. É que eu entrei no porto de Nova York a bordo dum “cargoboat” americano na cauda do cortejo do paquete “George Washington” que levava a bordo o Presidente Wilson, de regresso de assinar em Versailles, em 1919, o Tratado de Paz entre os Aliados e a Alemanha. Toda a esquadra americana aguardava o “George Washington” e o Presidente, em duas fileiras, por entre as quais passámos, à entrada do porto. Foi um espectáculo que ocupava algumas milhas do mar. Portanto, eu entrei no porto de Nova York no dia em que o vosso país comemorava em festa o final da guerra.

E saí do mesmo porto 22 anos depois no dia em que os Estados Unidos entraram em guerra com a Alemanha e a Itália. Saí a bordo dum pequeno navio português que trazia nove passageiros, únicos a enfrentarem os novos perigos do mar e a ameaça dos submarinos, nesse primeiro dia em que o vosso país se envolveu na guerra no Atlântico.

Talvez esta circunstância, em que na minha insignificante pessoa se garantiu a continuidade das guerras, seja única no mundo.

Como vêem, conheço o vosso país desde 1919, era eu muito

garoto e ia para Macau, na China, com meus pais, tendo seguido o caminho pela América porque o Canal do Suez durante a guerra e nos meses que se seguiram estava fechado à marinha mercante, servindo só para trânsito de unidades militares ou de serviço dos Exércitos Aliados.

Hoje ele está novamente fechado e, com o aumento prodigioso de tonelagem dos navios, em riscos de se tornar uma relíquia histórica.

No regresso de Macau, em 1922, vim por esse Canal que é, de facto, uma maravilhosa obra de engenharia. E isso leva-nos a meditar como os homens destroem com a sua loucura os prodígios que o seu génio ergue.

Tornei a permanecer nos Estados Unidos durante a guerra mundial e essa estadia mais demorada levou-me a escrever um livro de novelas “Neve sobre o Mar”, em que no ambiente dos Estados Unidos coloquei o drama de seis mulheres refugiadas, fugidas da Europa, e todas elas portadoras de tragédia.

Mais tarde, em 1952, minha Mulher e eu percorremos os Estados Unidos durante quatro meses, como convidados do vosso Governo. Foi uma viagem inesquecível e a impressão mais perduradora que guardo é a da extrema cordialidade de todas as pessoas que, nos mais variados lugares, nos acolheram. À imagem de violência que o vosso país dá ao mundo podemos contrapor a convicção que todos que o visitam não podem deixar de trazer de que há na população norte-americana reservas de sentimentos morais, de generosidade, de cordialidade, que hão-de vencer nesta luta entre o bem e o mal que talvez nunca tenha sido na História tão intensa como é agora, porque nunca os homens dispuseram de tantos instrumentos e armas ao serviço do mal como neste apogeu duma civilização técnica e material.

Dessa longa visita ao vosso país resultou um volumoso livro “A Floresta de Cimento – Grandeza e Misérias dos Estados Unidos”. Foi um livro que além de publicado em língua portuguesa também foi publicado em França e em Espanha. Não sou imodesto dizendo que ele teve um verdadeiro êxito. Mas os editores norte-americanos, talvez porque eu não os soube ou pude abordar com persistência, não se interessaram por ele. E em parte talvez porque Vocês estão tão convencidos da superioridade da vossa civilização que não lhes interessa saber o que estes velhos europeus pensam dela. Prometo que não vou ler as 500 páginas desse meu livro, mas parece-me que talvez tenha interesse ler-lhes as páginas finais, uma es-



pécie de síntese das ideias que trouxe. Embora escritas há vinte anos e sejam hoje muito mais graves os vossos problemas, elas talvez ainda ofereçam algum interesse.

Depois disso já tornei aos Estados Unidos, mas nunca mais escrevi uma linha sobre o vosso país. Não lhes vou falar do Vietnam, nem das drogas, nem dos problemas raciais. Disso tudo estão Vocês fartos e, na realidade, nesses problemas não têm os estrangeiros que se envolver.

Vocês resolverão as vossas dificuldades e porque as têm e porque as resolverão é que são uma grande nação. Limito-me a ler-lhes as palavras escritas há vinte anos e que intitulei “Conversation with a stranger”.

Sentei-me, a fazer horas, num banco do Parque de Battery, no extremo anguloso da ilha que ao longo de dezasseis mi-

lhas, entre dois braços do Hudson, alberga a mais estranha e a mais prodigiosa cidade do mundo. Vagueara por Wall Street, pelas ruas tortuosas de Down-town, contornara o edifício da Alfândega e sentara-me ali, no jardim tranquilo, observando o movimento dos ferry-boats que ligam Manhattan às ilhas de Governor e de Staten e a chegada e partida dos barcos que

*A impressão mais perduradora que guardo é a da extrema cordialidade de todas as pessoas que, nos mais variados lugares, nos acolheram.*





conduzem os turistas até à Estátua da Liberdade.

Nenhum desejo me assaltou de voltar a acercar-me, onze anos volvidos, do monstro de aço e de ferro fundido que ergue, na entrada do porto, seu facho luminoso e alegórico. Deixei-me ficar sentado, a fruir, naquele oásis de verdura, à beira da floresta de cimento, o breve instante de tranquilidade e de meditação.

Por detrás de mim erguia-se, a separar-me do tumulto, o

morro espesso dos arranha-céus da cidade baixa. À minha frente espreada-se o estuário do Hudson, salpicado de ilhas e de vapores. Na linha rasa do horizonte as águas do rio confundiam-se com as do oceano, que em breve sobrevoaria, para de alto, bem de alto, poder abarcar toda a aventura que me fizera palmilhar um continente inteiro.

Hóspede, havia três semanas, da ilha de Manhattan, sorvera-lhe todo o singular encanto, mas assaltava-me já a sua fadiga. Cruzara-a de extremo a extremo, pelas suas artérias rectilíneas, pela pista que a envolve, em aço erguida, ou pelos caminhos alucinantes do sub-solo; galgara as suas pontes gigantescas, para que toda a cidade fosse minha e não só a ínsula, de que não queria ser prisioneiro. Percorrera os seus museus, contemplara-a, em manhãs de sol, em tardes de tormenta e em noites luminosas, do cimo dos *skyscrapers*, como se fora de píncaros de montanhas; vogara pelos rios que a cir-

*Hóspede, havia três semanas, da ilha de Manhattan, sorvera-lhe todo o singular encanto, mas assaltava-me já a sua fadiga.*

cundam; ouvira vozes de professores nas suas universidades e o calão dos estivadores nas suas docas; frequentara *dancings* de brancos, vizinhos de Broadway, e *cabarets* de negros em Harlem; acercara-me, em Greenwich Village, da sua já muito gasta e muito comedida tradição de boémia. Na cidade aparentemente tão ordeira, mas a que Gunther chamou “a capital do crime no mundo”, escutara o queixume contra a tenebrosa tirania dos *gangsters* na zona portuária, nas 578 milhas do seu *water-front*, e contra a corrupção oficial que impede a extinção do terrível cancro. Mas ouvira outras vozes também, desde as das enfermeiras dos hospitais admiráveis às das jovens mestras das escolas infantis. Vira preparar à tarde, na redacção do “New York Times”, o jornal cujas formas de composição diariamente atravessavam o Atlântico dum salto, para na madrugada seguinte serem impressas em Paris e surgirem simultaneamente em dois continentes. Frequentara, ao acaso dos encontros ou dos passos vadios, alguns dos seus 11.000 *restaurants*. Enquanto as senhoras se perdiam pelas lojas da Quinta Avenida, Herbert mostrara-me, citando cifras assombrosas, a armadura central do seu banco tentacular, desde as salas de mármore, aos tele-impressores ligados a sucursais distantes, à *Cafeteria*, onde às refeições se misturava com a multidão dos empregados, e às casas fortes cavadas na rocha de Manhattan. À noite, na sua casa de Forest Hills, as pessoas mais variadas faziam-nos sempre as mesmas perguntas sobre as impressões colhidas e patenteavam sempre idêntica surpresa perante a reserva delicada que não se expandia num pasmo e num louvor incondicionais.

Agora estava ali sozinho no jardim plantado, à beirinha de água, no sopé do morro dos arranha-céus. Um navio, igual àquele que me trouxera, descia com lentidão o rio a que os raios de sol emprestavam cobertura prateada e movediça. Sem que desse por isso, veio sentar-se ao pé de mim, no banco de madeira, um ocioso como eu. Era um homem de certa idade, que fugira à sombra espessa das ruas e das casas para buscar, na clareira, um pouco de sol.

Permanecemos minutos sentados ao lado um do outro, fruindo cada um, em silêncio, o raro momento de paz. Até que ele rompeu a mudez: — Por acaso não sabe a que horas transmitem o discurso de Eisenhower? Não quero perdê-lo.

A minha pronúncia, ao responder-lhe, denunciou o estrangeiro, quicá o imigrante.

— O senhor não é de cá?

— Não, sou dali de frente, da outra banda do mar.

— New-Jersey?

— Não. A Europa.

O homem grunhiu um som qualquer, que deveria corresponder a um “Ah, está bem, agora compreendo”, e acrescentou: — Pois eu sou de Oklahoma e se me torno a ver lá nem quero crer. Foi assim que se encetou, auspiciosamente, a nossa conversa.

— Está desempregado?

— Não. Estou de abalada para a Europa. Depois de amanhã conto já estar em casa.

— Gostava de ir consigo. Só lá estive há mais de trinta anos, na outra guerra. Nunca pude voltar a Paris.

— E tem pena?

— Certamente. Paris pode talvez não ser nada de extraordinário, pode valer bem menos do que eu suponho, apegado a lembranças da mocidade, mas é o símbolo de tudo que nós,

*Sem que desse por isso, veio sentar-se ao pé de mim, no banco de madeira, um ocioso como eu. Era um homem de certa idade, que fugira à sombra espessa das ruas e das casas para buscar, na clareira, um pouco de sol.*

americanos, não temos. Temos casas de tijolo sujo ou fortalezas de aço e de cimento, cada vez mais altas, mais arrogantes, mais absurdas. E julgamo-nos muito civilizados. Mas quando algum de nós atinge, de facto, um certo grau de civilização e alcança certa fortuna, vai à Europa, compra lá uma casa velha e trá-la inteirinha para cá, tijolo a tijolo, pedra a pedra, com madeiras carunchosas e tudo. Para aproveitarmos o espaço desta ilha começámos a erguer estes monstros. (E o meu interlocutor apontava desdenhosamente para o morro dos arranha-céus.) Mas sem percebermos que no continente inteiro não nos faltava espaço, por simples espírito de imitação, enchemo-lo destes monstrenços. Convencidos de que fundámos uma civilização nova, encaixotámos a antiga, e como a nossa noção de beleza é o “grande”, quanto maiores são os caixotes mais belos os achamos. A severidade da crítica levou-me a interessar-me por quem a formulava:

— Qual é a sua profissão?

— Hoje sou um doente cardíaco e a Companhia de Seguros vela para que eu não morra. Tenho uma pensão de combatente da outra guerra e o meu jornal também me dá qualquer coisa para que não trabalhe.

— É jornalista?

— Fui; mas também fui muita outra coisa.

E voltou a repetir, parecia que com certa nostalgia: — Também fui muita outra coisa...

— Incitei-o, sem dificuldade, à evocação: — Depois da outra guerra, quando fui desmobilizado, fiz-me detective particular e andei uns anos ao serviço do sr. Henry Ford. Esse, tinha uma Polícia privativa, mais poderosa que o F.B.I.. Era um homem inteligente e bondoso, apesar da fama de dureza; foi ele quem me auxiliou a frequentar, nas horas vagas, um curso de Arquitectura. Mas veio a depressão de 29, perdi o dinheiro que tinha e acabei por perder o emprego; não terminei o curso e pus-me a vender panos, ao balcão, aqui numa loja da Rua 14. Era uma colocação digna, como outra qualquer, mas não me sentia calhado para ela. Em novo fizera jornalismo, na minha terra, Tulsa, no Oklahoma, e decidi voltar a tentá-lo. Arranjei colocação no “Daily News” e, como fora detective, passei a trabalhar o “Crime”. Não lhe digo nada: conheço isto como os meus dedos. Esta é a cidade mais assombrosa do mundo. Não acredito que haja outra igual. Já sabia tanta coisa que os *gangsters*, para me pouparem, convidaram-me a mudar de ofício. Compreendi que, se tinha amor à vida, devia aceitar o convite e como uma Igreja me oferecesse um contrato vantajoso, fiz-me pregador. Foram uns anos de abastança. As Igrejas são as instituições mais sólidas dos Estados Unidos. Mas a gente cansa-se de repetir todos os dias o mesmo sermão e de atacar diariamente os mesmos infieis. Felizmente que veio a guerra e voltaram



*Os senhores criaram, na realidade, um tipo novo de civilização e, por muito que nele os factores materiais pareçam dominantes, a vossa ânsia de aperfeiçoamento moral subordina permanentemente aqueles factores a um papel de extrema benemerência.*

a mobilizar-me. Mas como já não era criança, deixaram-me ficar em Washington a redigir panfletos, que eram traduzidos em cinquenta ou sessenta línguas e que revelavam ao mundo as facetas maravilhosas da civilização pela qual combatíamos e a vantagem que os chineses, os abexins, os nipónicos, os búlgaros, os marroquinos ou os turcos teriam em adoptar, sem mais demora, *the american way of life*.

O sarcasmo de que o meu casual interlocutor se servia para narrar os passos da sua vida não deixava de me surpreender.

— O senhor não parece muito adaptado à fórmula da felicidade colectiva do seu país?

— Talvez não. E principalmente porque, entre muitas outras coisas, fui pregador missionário, não acredito na vocação e no destino missionários do povo norte-americano. Lá porque resolvemos com bom senso certas dificuldades, solucionámos, num plano local, o conflito que nos levou à independência e o problema da nacionalidade, e porque vencemos com coragem as guerras em que nos envolvemos, não quer dizer que tenhamos experiência e autoridade para trazer o mundo a reboque e para dar todos os dias lições à velha Europa.

Rumo aos aeródromos de Long Island cruzavam o céu aviões vindos do leste e do sul, da Europa, das Antilhas, do mundo...

Como lhe anunciara a próxima partida em avião, talvez, à vista destes, uma associação de ideias tenha levado o antigo detective a interrogar-me:

— E que pensa o senhor dos Estados Unidos, o senhor que vai partir?

Quantas vezes escutara a pergunta, mas agora, proferida por um desconhecido, a poucas horas da abalada definitiva, ela atingia uma solenidade desconcertante. Eu poderia responder com um lugar comum ou uma evasiva, pronunciar um elogio clamoroso, ou uma crítica injusta, mas pareceu-me que era a voz da minha consciência a que aquele homem, pelo acaso arrancado à multidão, fora despertar. As minhas palavras em coisa alguma atingiriam, nem para bem nem para mal, o país poderoso que me albergara. Só um desconhecido as escutaria e logo, certamente, as esqueceria. Mas era a mim próprio que eu as devia e à nação hospitaleira que me abria de par em par todas as suas portas.

— O que penso do seu país? Penso que o senhor tem razão em grande parte do que disse e que, todavia, foi injusto. Bom ou mau, conforme os prismas do julgamento, os senhores criaram, na realidade, um tipo novo de civilização e, por muito que nele os factores materiais pareçam dominantes, a vossa ânsia de aperfeiçoamento moral subordina permanentemente aqueles factores a um papel de extrema benemerência. Os norte-americanos

foram na realidade afortunados porque foram beneficiários num continente inteiro, do encontro de dois elementos díspares, em nada comparáveis, mas de cujo enlace resultou esta prosperidade assombrosa: a idade mecânica e a terra virgem. A terra esperou, imaculada, que a viésseis rasgar com os instrumentos duma técnica que a Europa levou milénios a fabricar. Mas se o vosso povo pôde dispor, no momento exacto, das ferramentas precisas, não o fez ao sabor de instintos vorazes. Porque a sociedade que os Peregrinos fundaram, quando desembarcaram no Novo Mundo, assentava em princípios morais. A luta pela manutenção desses princípios é uma constante admirável da vossa História e são eles, e não as colunas de aço e de cimento, que sustentam ainda hoje a sociedade de múltiplas e desencontradas origens.

As vossas condições económicas e a vossa organização social permitiram o estabelecimento duma sociedade em que o maior bem estar foi posto ao alcance do maior número, em que, com as ressalvas inevitáveis e diferenciações individuais, resultantes da inteligência, das qualidades de trabalho, de vantagens herdadas e até de localidades de residência, todos podem partilhar do conforto e da abundância gerais.

Neste vosso país, sob tantos aspectos ditoso, os problemas sociais, tão candentes na Europa, perdem por completo a incandescência. Karl Marx atacou o capital porque só conheceu o capital europeu, com a sua produção escassa e o máximo ganho individual. Teria possivelmente modificado as suas opiniões se tivesse conhecido a acção do capital americano, que exerce uma função social sem dúvida louvável, procurando distribuir por todos, mercê do preço mínimo e da produção em massa, os benefícios dessa produção.

— Gosto de o ouvir, comentou o meu interlocutor de acaso, com o pessimismo diluído e o orgulho pátrio fortalecido ao escutar o depoimento insuspeito dum estrangeiro.

— O senhor afinal é um entusiasta do meu país.

— Não exagere...

— Mas não gostaria de ficar a viver entre nós?

— Não. Prefiro voltar para a minha aldeia. A resposta pareceu surpreender quem ainda há pouco formulava contra a nação hospitaleira as mais severas acusações:

— Mas não acha agradável a vida entre nós?

— Quem lhe disse o contrário? Há lá coisa mais agradável do que ver saltitar os esquilos, graciosos e tímidos, nos relvados dos parques? E coisa mais consoladora do que ver os jardins, em volta das moradias, sem vedações nem muros. Cada um sabe o que é seu e não entra pelo terreno alheio. E encontrar, por toda a parte, as portas sempre abertas. E ver nos muros de madeira que cercam, à altura de homem, os terrenos rasgados para novas edificações, as janelinhas abertas ao nível das crianças, para que estas possam, como nós, espreitar o espectáculo das máquinas escavadoras e das britadeiras, a azáfama da construção — a mais bela neste país de construtores?

— Que lhe falta, então?

— Não me falta coisa alguma. Os senhores ergueram talvez a Cidade Ideal. Mas tiraram-lhe o encanto da vida. Mataram o charme da vida.

— É por isso talvez que eu me aborreço, pronunciou, quase em surdina, o ex-propagandista encartado do *american way of life*.

Ficámos os dois, silenciosos, a observar no relvado o saltitar dum esquilo, que era a imagem da graça e da leveza junto ao morro pesado dos arranha-céus. ●